



Este quadro seria o pomo da discordia entre Palocci e Gismondi a cena de quase pugilato entre os dois teria sido por causa da inclusão — por conta e risco de Palocci — deste quadro no Salão.

Brigas e fuxicos - E o quase pugilato entre os homens que mandam

Antes de começar o SARP já levaram muita bronca: os artistas acadêmicos, que segundo eles próprios também são filhos de Deus (e ninguém aparentemente duvidou disso) reclamaram sua exclusão. Não teve choro nem vela: ficaram cortados mesmo. No dia da inauguração um dos degolados gostou demais do salão — porém pelo lado de fora:

— "Legal, tá prontinho pra pegar fogo ou uma ventania levar tudo, pro inferno".

Com pragas e brigas mais ou menos escondidas, o salão aconteceu. Outro degolado reclamou aos circundantes — sem saber a quem se dirigir — sobre o salão dos recusados:

— "Puxa, não vai ter não? O nosso era mais importante".

E assim, finalmente, inaugurou-se na noite chuvosa e de pouca gente, o SARP — Salão de Artes Plásticas de Ribeirão Preto. Elnos e discursos e a tradicional volta olímpica das autoridades pelas pistas de quadros e fotos, desenhos e gravuras, daí a pouco, pronto — tudo acabou. Pelo menos oficialmente, porque foi então que tudo começou. Ali, mesmo, ali fora, nas mesas dos bares e nas gozações de esquina. Com poucos personagens porém se dando ao trabalho de comentar o SARP.

A BRIGA, ANTES

O que houve de mais sensacional na noite da inauguração do SARP foi o quase pugilato entre dom Pedro Gismondi e o professor Palocci. Fazia tempo que os dois vinham brigando, mas tendo o cuidado de jogarem confete mutuamente para diminuir qualquer dúvida dos maledicentes. Porém a última briga dos dois, foi tão violenta e faltou tão pouco para a luta livre, que muita gente acabou vendo.

A primeira briga porém, a que ninguém viu, mas muita gente advinhou e alguns abelhudos esparramaram:

O professor Palocci fiscalizava a seleção dos quadros. Os críticos investidos da sua autoridade, estavam separando os quadros; este entra, este não entra. De repente, cal no "não entra" o quadro de um amigo do professor Palocci.

A jeitosa pressãozinha. A veemente pressão depois. A quase exigência para o quadro entrar. De um lado o característico jeito palociano — que alguns dizem ser até palaciano — de outro, o cachimbo teimoso do professor dom Pedro Gismondi. No meio, o professor Bassano Vaccarini coçando a careca:

— Bem... Claro que o quadro ficou no "não entra" mesmo. Isso deixou furioso o professor Palocci, segundo os depoimentos dos abelhudos que acompanharam a montagem do festival de artes plásticas.

Mas não é por causa

de uma briguinha e de brios feridos que gente educada perde a esportiva. Ficou tudo bem. Aparentemente o professor Palocci conformado com a teimosia gismondiana e o dom Pedro contente por só deixar entrar a alta qualidade segundo seus conceitos de professor de história da arte e crítico que pode ser dos mais criticados, porém também, dos mais consagrados.

CHEGOU A NOITE DE BANDAS E AUTORIDADES

Com as árvores embolecadas de luzinhas coloridas, lá se inaugurou o SARP. Aliás, a embolecada das árvores recebeu ardentes elogios do professor Palocci:

— "Isso é que é arte — disse ele mostrando as árvores — os electricistas pegavam os fios e jogavam, do jeito que caía ficava. E ficou uma obra de arte".

Quem somos nós para discordar. Com a banda formada para abrir a festa, pingüinhos de chuva teimando e por fim indo embora, chegou o Edson Mattioli:

— "Isso aí é o salão das bichas".

Imaginem que lá dentro estavam dois quadros dele, e a gente que não sabia. Não se conteve porém o funcionário público pintor:

— "Cê não leu os "Protocolos dos Sábios de Sião"? Todas essas coisas foram os judeus que inventaram para dominar o mundo. Até a guerra civil do Líbano. Hitler já tinha descoberto tudo. Grande malandragem".

Eis que, o prefeito chegou perto da fita, um senhor simpático (de paletó e gravata, com cara de candidato a Mecnas) faz um discurso e está inaugurando o salão. Não sem antes todo mundo lembrar que justamente naquele lugar será a Casa da Cultura. Palmas, está inaugurado o salão. Alguém comenta:

— "Começou a Bienal dos Pobres".

Começou também a "volta olímpica" das autoridades. Acabada a volta olímpica e políticos e autoridades indo embora, o povo comum ficou à vontade para a espinhafraga geral. Um chega-se ao repórter e diz:

— "Cê sabe que o Alpheu acha mais importante a formatura das meninas da Oratória no piano do que o SARP? Ele não veio aqui mas está lá dentro, com a mulher dele a tiracolo de longo, ouvindo a festinha de dona Oratória. E reclama que não há colonialismo político para situar isso: ele quer que se diga aos quatro ventos que o Secretário da Cultura não deu valor ao SARP. Se está não esta dito aos quatro ventos, está escrito em quatro linhas.

OUTRA BRIGA — MAS PACÍFICA

Agora, é a volta olímpica dos povos. E encontram-se, dois inimigos — pelo menos pareciam — quase mortais: o Edson Mattioli (de novo) e o

professor dom Pedro Gismondi. Sem que nem praquê — foi o que uma moça me disse — o pintor desanda o crítico dom Gismondi.

Dom Pedro, grandão daquele jeito de fumar cachimbo, não perde a esportiva. Começou a elogiar os quadros do Edson, por coincidência bem ali em frente:

— "Estes quadros — afirmou dom Gismondi — são bem representativos da cultura ribeirãopretana. São portinheiros e chateiam".

No que o Edson não se deu por vencido:

— "Eu sei que se fosse pelo senhor meus quadros não estariam aqui".

— "Pois não estou dizendo — responde dom Gismondi — que eles são o que há de mais representativo da cultura ribeirãopretana? Eles não poderiam ficar de fora de jeito nenhum. Olha este aqui — e mostra um quadro onde operários jogam palito — é bem ribeirãopretano. É o jogo de inteligência da cidade".

Para surpresa geral, o Edson Mattioli ataca de intelectual: começa a recitar Omar Kahayan. Um negócio de fundo moral onde diz para os poderosos não zombarem dos fracos. Nem isso fez dom Gismondi perder a esportiva:

— "Por favor, prefiro seus quadros a versos desse cara".

Dom Pedro, realmente, tem bom gosto.

A SANTA MILAGROSA DO SARP

De repente, a moça pintora vê que não está no lugar um quadro seu que foi selecionado:

— "Cadê minha Nossa Senhora Aparecida?".

A Nossa Senhora Aparecida da Neuzza de Freitas pintora serrazense das mais meigas e líricas tinha sumido. Justo aquela santa!

— "Você não acredita em milagre?" — ela pergunta. "Mas existe milagre, embora eu não sou muito chegada não. Pois minha Nossa Senhora Aparecida estava toda quebrada, a tela torta e quase não a trouxe. Estava muito estragada, até nem dava para ser exposta. Então, eu trouxe assim mesmo, uma coisa me mandava trazer. Quando cheguei aqui o quadro estava por feito, lindo. Não é um milagre?".

Milagre mesmo — dos mais meigos e afáveis — era a Neuzza mexer com o corpo para explicar a posição em que Nossa Senhora Aparecida estava. Finalmente, no quarto de entulhos do Teatro Municipal, encontrou-se a mãe de Deus.

AGORA SEGUREM-SE: E PAU PURO

E val começar a briga Gismondi versus Palocci. Luvras de oito onças e não vale xingar a mãe. Rasteira pode.

— "A Comissão não selecionou aquele quadro, como você colocou-o lá?" — pergunta indignado Gismondi.

— "Muito mais grave" — afirma Palocci — "é vocês não colocarem os três quadros seleciona-

dos do Miguel Angelo que estão faltando".

— "Com um engano que não é nosso, que não é da Comissão, você quer justificar um erro de má fé, deixando exposto um quadro que não tem condições nem foi selecionado?".

— "Como má fé? Muito mais grave eu repito, é não colocar o selecionado que colocar um que tem merecimento sim senhor. Você fique sabendo que pelas mãos deles, que vocês recusaram, passaram muitos que estão lá dentro e que vocês acham bons".

Tudo isso já está aos berros; o juiz já está olhando para não permitir "clínchs". As damas de boa vontade — em volta do grupinho de moças da Odila Mestriner — fingem que não está acontecendo nada. Mas então, dom Pedro entra de "jabs" e "diretos": começa a pular com aquele corpão que Deus lhe deu. Literalmente: começou a pular, preparando-se para a estocada como um Hemingway ferido:

— "Você fique sabendo que eu não admito! Não admito! Se aquele quadro não sair do salão, se você não tirá-lo, eu vou lá agora e tiro eu mesmo. Tiro e rassssgo!"

A tática defensiva do Palocci anulou o ataque:

— "Você não precisa fazer este escândalo, que eu tiro amanhã".

— "Ah bom! Amanhã você tira? Porque, se não, eu arrebreito hoje com isso aí".

— "Mas pergunta o Palocci — por que você que ficou tão ofendido com isso, não se incomoda também com os três quadros do Miguel Angelo que ficaram de fora?".

— "Isso é outra história, é um engano. Mas aquele quadro lá que você colocou, é má fé: não foi selecionado".

Aos poucos os dois cansaram a garganta de tapar gritar e os ânimos foram serenando, igualzinho em campo de futebol. Naturalmente, fui me solidarizar com os dois, e dizer aos dois que os dois tinham razão:

— "Você viu — disse o Palocci — "ele já ia partir para a agressão. Olha, sinceramente, tem hora que dá vontade de largar tudo. Depois de tanto trabalho! Eu já falei — uma hora eu disse, ou a gente começa a somar ou larga tudo e não tem salão. Você sabe que eu quase resolvi não fazer esse salão? Tem hora que, não é para lastimar não, mas enche".

Do "pivô" da briga, o quadro clandestino, não perguntei nem me falei nada. Agora, vou me solidarizar com dom Pedro Gismondi. E ele:

— "Cada coisa que acontece não é? E ainda foi a menina do jornal me perguntar o que era aquela briga". Alguém interrompe para dizer a dom Pedro que a sua atuação, a briga, foi a coisa mais sensacional do salão. E ele, humilde e encantador:

— "Bem, talvez tenha sido..."

O SARP é isso aí

O SARP — Salão de Arte Moderna de Ribeirão Preto — pelo menos tem 40% de coisa boa. Nada demais porém, tudo dentro do convencional seguindo aliás o convencionalismo atual das artes plásticas. Pouca ou nenhuma surpresa, velhos artistas sendo consagrados e os jovens esperando a vez, alguns tremendo equivocados, e de queixas mesmo, só uma e sem razão alguma: a dos "acadêmicos" reclamando sua exclusão.

Na verdade eles nem são acadêmicos: são anacrônicos mesmo. Como anacrônica é muita coisa pintada de moderninho. E "modernoso" é o que não falta no SARP.

Como erros fatais de concepção e conceitualização. Gente que teima em fazer a alegoria de um surrealismo barato e outros que se enterram num realismo duvidoso. Há até mesmo — entre grotescas imitações de Dali — um ensaio de Bosch. E muita inexperiência e talento desperdiçado.

Para quem conhece porém, a cronológica avacalhada da bienal paulista, não se pode criticar rigidamente o SARP: na verdade as artes plásticas já cansaram. Estão aí, cheias de maneirismos, esperando um possível, o que seria talvez milagroso, renascimento. E na verdade os artistas plásticos já se conformaram em serem os decoradores da burguesia. Nesse sentido o SARP é muito representativo. Com algumas poucas exceções — como Lionello Berti — quase tudo é agradável e bonito ou quando se atinge o máximo de incoformismo é o "assassinato" de uma pomba da paz — Nixon e Gerald Ford comprariam o quadro para presentear Mao Tse Tung ou Fidel Castro...

Não joguem pedras porém, principalmente porque o telhado é de amianto e as pedras de plástico inflamável. Melhor o SARP que nada. A culpa dos equivocados — especialmente se se olha com atenção duas ou três vezes o conjunto de obras expostas — cabe mais à estrutura já superada de salões e exposições do gênero, que à própria organização do SARP. O que está no barraco de plástico e ferro — e que está muito bom, não é preciso nada mais que aquilo —, foi o que melhor apareceu.

O drama de tudo isso é que o SARP, como o Teatro Municipal e o que mais há de natureza cultural em Ribeirão Preto, é um corpo estranho à cidade, em relação ao seu novo. Fica fechado o dia todo, e nem adiantaria ficar aberto: ninguém iria vê-lo. A noite, só quem tem carro chega até lá. O SARP nunca participará de mostra alguma de arte nessa estrutura.

E não está errado. Está certo. Porque o SARP nada tem a ver com o povo. O nosso povo é subdesenvolvido e faminto — aqueles artistas não tratam da realidade social brasileira. São importadores de técnicas européias no geral, macaqueando maneirismos superados em quase todo o mundo, para o consumo de uma burguesia semi-culta.

E na verdade, as artes plásticas quase sempre foram um divertimento das classes altas. Com exceção de alguns doidos como Siqueiros por exemplo é uma arte "palaciana". Agora, como tudo na sociedade de consumo, também "permitida" aos filhos da pequena burguesia. E por isso, e por outras coisas, que os enganos e equivocados do SARP não lhe tiram o mérito: fazem parte do seu sucesso. E isso, mesmo.

O homem da cabeça branca foi expulso do SARP

Se houvesse o "Salão dos Recusados" o ribeirãopretano iria ver um cartum dos bons e muito insulto: o Homem da Cabeça Branca um quase primitivo que foi criado por Washington Luiz Lopes, jovem de 23 anos, de profissão "técnico ortopédico protético", ou seja, faz coletes e pernas mecânicas na Faculdade de Medicina.

O Homem da Cabeça Branca, série recusada para o SARP, é uma barra pesada. De profunda consciência social, ele está sempre dando um recado violento ao povo: Trabalhando nas minas ou andando atoa pelas ruas, de repente ele fala uma mensagem dura: pode até ser contra o povo que ele defende, se for bom para esse mesmo povo.

— "Ele é o bom mensageiro", diz o seu criador Washington.

O Homem da Cabeça Branca, que certamente provocaria muito espanto entre a higienista e bom comportamento arte exposta no SARP, é explicado por Washington:

— "Ele é um cara normal como a gente. Como a gente ele sofre a mesma opressão da sociedade. Mas tira o sarro — dá o recado. Ele é principalmente realista e com ele eu quero mostrar a realidade onde a gente está".

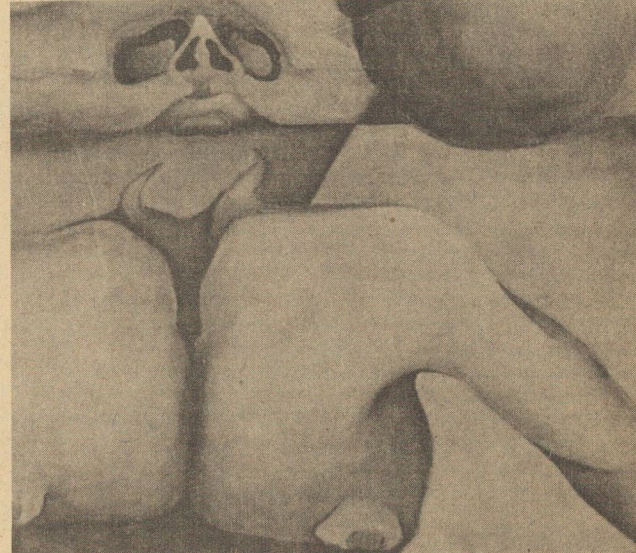
O Homem da Cabeça Branca é inteirinho preto, sem roupa nenhuma. Só tem mesmo a cabeça branca, com os olhos pretos. Seus únicos "acessórios" são o nariz, a boca e orelha.

— "Eu levei meus desenhos ao SARP — explica Washington — porque aqui em Ribeirão parece que ninguém conhece o cartum. Acho que nem mesmo os artistas e críticos. Se conhecem não dão valor. Eu só queria era mostrar o que é o cartum, suas possibilidades. Mas não deu, podaram o meu Homem da Cabeça Branca".

Mas, em Piracicaba



Essa Nossa Senhora Aparecida está fazendo milagre no SARP.



Muito Dali de segundo mão: Bonitinhos, mas...

soa. "Aí comecei a dar o meu recado", diz Washington.

A DUREZA DO RELACIONAMENTO
Como o relacionamento humano é muito difícil, ele quer desenhá-lo em vez de gastar seu tempo fazendo aparelhos ortopédicos:

— "É duro, vem gente sem perna, sem braço, e a gente tem que manter um relacionamento bom, para conseguir bom resultado".

Falta paciência. Nesse negócio — ele diz — só tem paciência o paciente. Mas não lhe falta paciência para esperar uma outra oportunidade para mostrar seus trabalhos:

— "Não acho que foi injusta que cortarem do SARP. Afinal eles tem outro conceito de arte: para eles, é coisa bem feitinha, bem acabadinha. Eu só queria mostrar o que é o cartum".

Ele já teve um grande sonho na vida: ser torneiro mecânico. Mas agora já escolheu o seu futuro, e só vai esperar a sua hora e vez:

— "Eu sou um artista. Ser um artista me colocou dentro da realidade. Antes eu não me conhecia. Agora sei quem sou e vejo melhor as coisas".

Há lugar nesse mundo para o Homem da Cabeça Branca?

